**TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS DO PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL DA EMBAP: REVISÕES E LEGENDAS - CARINA WEIDLE E SÍLVIA DA COSTA**

Hamed Almeida Braga(CNPq-AF)

Unespar/*Campus de Curitiba I* – e-mail:

Prof.ª Lilian Hollanda Gassen

Unespar/*Campus de Curitiba I* – e-mail: lilian.gassen@ies.unespar.edu.br

Programa de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC

Grande Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho se refere a práticas de pesquisa em História Cultural[[1]](#footnote-0) com fontes orais. As fontes que utilizamos nesta pesquisa foram produzidas pelo Programa de História Oral da EMBAP[[2]](#footnote-1), Campus I da UNESPAR, e são as transcrições das entrevistas de Carina Weidle[[3]](#footnote-2) e Silvia da Costa[[4]](#footnote-3), filmadas nas datas de 05 e 15 de novembro de 2015 , e transcritas nos anos de 2016 a 2017 respectivamente. Nosso objetivo, por integrarmos o Programa, é realizar um estudo de caso, a partir da revisão, padronização e finalização das transcrições das entrevistas acima mencionadas, que propicie verificar determinadas características da pesquisa com fontes orais e de sua metodologia[[5]](#footnote-4).

Sendo assim, tais características da pesquisa se verificam por meio do valor cultural que possuem. As fontes orais utilizadas nesta pesquisa se apresentam como falas que se parecem e que se conectam a partir dos lugares por onde as depoentes passaram e trabalharam, e também por essas falas deixarem registros de como e quanto as entrevistadas contribuíram com esse lugar em questão e tiveram suas biografias marcadas por essas vivências. Muito brevemente, é por essas características que características que as fontes orais se conectam com o campo da pesquisa dos estudos em História Cultural.

Essa conexão entre as fontes orais e a História se torna possível quando a prática historiográfica abre espaço para a temporalidade de curta duração e para a história de indivíduos comuns. Segundo Lynn Hunt (1992) essa abertura teve seu início, por um lado, na historiografia francesa a partir da escola dos *Annales*, já com Fernand Braudel[[6]](#footnote-5), que,

(...) postulou três níveis de análise que correspondiam a três diferentes temporalidades: a *structure*, ou *longue durée*, dominada pelo meio geográfico; a *conjoncture*, ou média duração, voltada para a vida social, e o “evento” efêmero, que incluía a política e tudo o que dizia respeito ao indivíduo. (HUNT, 1992, p.4)

E, por outro, na historiografia inglesa, de corrente marxista, como E. P. Thompson que entendia que “a experiência de classe é em grande parte, determinada pelas relações produtivas dentro das quais os homens nascem - ou entram de modo involuntário” (THOMPSON, s.d., apud HUNT, 1992, p.7), ou seja, a cultura.

 Sendo assim, entendemos que a história cultural pode estabelecer laços fortes com a história oral, porque desta última podem emergir a "curta duração, o evento ou as relações produtivas dentro das quais os homens nascem", a partir das falas subjetivas de indivíduos anônimos ou celebrados. O *Manual de história oral,* de Verena Alberti (2004) a partir das discussões sobre as histórias de indivíduos e os métodos utilizados para transformá-las em instrumentos de pesquisa, é um exemplo de como isso pode ser feito em muitas áreas como a historiográfica e linguística.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é realizar uma pesquisa que, por um lado, caracterize as relações entre a História Cultural e o método historiográfico aplicado às fontes orais, e por outro, demonstrar a partir das etapas de revisão de transcrições de entrevistas filmadas, os usos de ferramentas atuais que contribuem nesse processo. Para isso, elencamos ainda alguns objetivos específicos relativos às etapas de trabalho dessa pesquisa, são eles:

a) Aprofundar leituras acerca da História cultural e da História oral;

b) Realizar as três etapas de revisão das transcrições das entrevistas de Carina Weidle e Silvia da Costa;

c) Produzir os estudos de caso das entrevistas a partir das transcrições;

d) Demonstrar o processo de revisão a partir da contribuição do software *VLC media player* e do site Documentos *Google.*

 Como já mencionamos, nossa metodologia baseia-se no livro *Manual de História Oral* da autora Verena Alberti (2004). A partir do livro, trabalhamos etapas de transcrição e de revisão, que em resumo, consistem em corrigir vícios de fala, erros ortográficos, inserir partes que não foram transcritas e realizar uma pesquisa sobre pessoas, lugares ou outras coisas que o entrevistado menciona em seu depoimento. Este é o mesmo trabalho de revisão que realizamos no ano de 2021, para o artigo intitulado *Transcrição das entrevistas do programa de história oral da EMBAP: revisões e legendas Lígia Borba e Jack Holmer*, resultado do Programa de Iniciação Científica 2020-2021 da UNESPAR.

Na primeira seção deste artigo abordamos o contexto histórico da História Oral e da História Cultural e suas imbricações. A partir disso buscamos encontrar em nossos estudos de caso exemplos dessas imbricações.

A partir disso, na segunda seção desenvolvemos uma análise descritiva a respeito das revisões e do processo que percorremos, além de demonstrar como as transcrições são realizadas com a contribuição de ferramentas *online* e de *softwares* - como os programas *VLC Media Player* e *Google Docs* - os quais auxiliaram nas revisões feitas. A utilização dessas ferramentas, além de facilitar as revisões, também as tornaram mais eficientes e seguras.

Considerando que nossa pesquisa começa com a revisão em três etapas de transcrições já realizadas por outros pesquisadores[[7]](#footnote-6) do Programa de História Oral da EMBAP, precisamos ressaltar aqui a importância do trabalho de transcrição feito pelos pesquisadores anteriores. Em grande parte, em razão da qualidade do trabalho[[8]](#footnote-7) da equipe de transcrição, nesta pesquisa nosso trabalho foi facilitado e adiantado. Entretanto, apesar dessas facilidades iniciais enfrentamos algumas dificuldades relativas ao nosso local de trabalho e ao longo do processo[[9]](#footnote-8).

Outro ponto importante que causou certo grau de dificuldade no processo de revisão foi a qualidade de captação do áudio da entrevista da Silvia da Costa e da Carina Weidle, que tiveram problemas como: 1) Microfone longe do entrevistado e do entrevistador; 2) Microfone sem proteção contra ruídos; 3) Sons e ruídos externos presentes na maior parte dos áudios; 4) O lugar em que a entrevista foi realizada possuía uma alta reverberação, causando eco e mais ruídos.

 Apesar de tudo, o trabalho de revisão é muito estimulante porque acabamos por nos envolver com as histórias das entrevistadas. Um exemplo disso é a tarefa de no início de cada revisão sempre colocamos o nome completo dos entrevistados e do entrevistador. Isso parece simples, mas à medida que essa tarefa vai avançando, mergulhamos nessa história, conhecemos mais e mais sobre esses personagens. E esse exercício de escuta e revisão nos instiga e nos envolve, assim como a historiadora Gabriela Gribaudi afirma:

(...) para mim, história oral não se aprende: só pode fazer história oral quem tem um pouco de amor pela história dos outros, um pouco de atenção pelas histórias em geral, quem se diverte ouvindo e tem um pouco de respeito pelos outros e por suas interpretações da vida e da história (SANTHIAGO, 2009, p. 221).

Assim, a revisão é encarada de outro modo e com mais importância, porque o que ela aborda não é apenas um simples relato, mas a história de um indivíduo contada por ele mesmo. E essa história de vida passa a ser um discurso complexo e profundo, visto que por meio dele é possível acessar a uma rede de sociabilidades que se ligam no espaço e no tempo, formando uma teia na qual é possível identificar outras histórias, eventos, instituições e lugares de nossa sociedade que talvez não conheceríamos caso continuássemos na retrógrada ideia de que só o recuo no tempo iria garantir uma distância crítica do passado (FERREIRA, 2002, p. 315).

Portanto, no decorrer do processo de transcrição e revisão de entrevistas filmadas, podemos perceber o caminho que a História Oral toma, ganhando cada vez mais importância no meio historiográfico e cultural, além de desenvolver documentos e arquivos de grande relevância para futuros pesquisadores e também para a memória de uma sociedade que está se desenvolvendo.

**HISTÓRIA ORAL E CULTURAL**

 Os laboratórios e grupos de pesquisas em História Oral discutem e publicam seus trabalhos na atualidade, seja em relação à pesquisas bibliográficas ou realizando entrevistas e transcrevendo-as e revisando-as. Em nosso caso, a partir de duas entrevistas e também de pesquisas bibliográficas, discutimos acerca da importância da história oral como método historiográfico. Mas o quê é história oral? Antes de mais nada, precisamos responder essa questão.

Sendo assim, em uma definição estrita, a história oral é caracterizada pela coleta de depoimentos com pessoas que testemunharam conjunturas, processos, acontecimentos, modos de ser e de estar dentro de uma sociedade ou instituição (REZENDE, 2017). E, o início da gravação de entrevistas com testemunhos da história se deu na década de 1950,

após a invenção do gravador a fita, na Europa, nos EUA e no México. A partir dos anos 1970, as técnicas da história oral difundiram-se bastante e ampliou-se o intercâmbio entre os que a praticavam. Foram criados programas de história oral em diversos países e editados livros e revistas especializadas na matéria. Os anos 1990 assistiram à consolidação da história oral no meio acadêmico e à criação, além da ABHO [Associação Brasileira de História Oral], em 1994, da *International Oral History Association* (IOHA), em 1996. (ABHO, s.d.).

E também no Brasil,

em 1994, como marco de afirmação da prática da História Oral no Brasil, foi formada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), uma sociedade científica sem fins lucrativos e de caráter interdisciplinar, agindo de forma a congregar diferentes tendências, práticas e possibilidades de aplicação da história oral desenvolvidas por pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas do conhecimento (História, Sociologia, Antropologia, Direito, Psicologia, Educação, etc.) em torno de um único processo metodológico (DAVET, 2018, p. 4).

Paralelamente ao início da história oral a partir dos avanços tecnológicos do século XX, o interesse pelas histórias dos indivíduos para compreender a história de uma sociedade avança também partir da década de 1950, com os marxistas e a escola dos *Annales,* que buscavam compreender e pesquisar mais a fundo sobre as classes populares.

Com essa inspiração, os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres (HUNT, 1992, p. 2).

Assim, o indivíduo passou a ser o objeto central em muitos estudos no que diz respeito a história cultural e popular, ou seja, a partir desse avanço “o que importa é identificar as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso” (FERREIRA, 2002, p. 318).

(...) a partir da década de 1980, registraram-se transformações importantes nos diferentes campos da pesquisa histórica. Revalorizou-se a análise qualitativa e resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares (FERREIRA, 2002, p. 319).

Contudo, questões sobre os métodos historiográficos ainda persistem e nesse ponto encontramos uma relação entre a História Cultural e a História Oral, no modo em que se documenta e analisa a história por meio da linguagem,

Embora existam muitas diferenças não só dentro dos modelos antropológicos e literários, mas também entre eles, uma tendência fundamental de ambos parece atualmente fascinar os historiadores da cultura: o uso da linguagem como metáfora. Ações simbólicas como sublevações ou massacres de gatos são configuradas como textos a serem lidos ou linguagens a serem decodificadas (HUNT, 1992, p. 21).

Ou seja, o modo que nós falamos e o vocabulário que usamos tendem a ser símbolos, cujos seus significados possuem grande importância não só para a história do indivíduo mas também para todo o seu contexto social. “Em resumo, a analogia linguística estabelece a representação como um problema que os historiadores não podem evitar (HUNT, 1992 ,p. 22).”

Portanto, percebe-se que hoje a análise sobre a linguagem estabelece relação de estudo e escrita da história, e como não se atentar para isso na história oral e o modo que se documenta a história? Bem como o modo que nós revisamos as transcrições do programa de história oral da EMBAP? Nesse caso, nosso trabalho de revisão não pode apagar tais marcas da oralidade, porque estas entrevistas se constituem como documentos da história. E, poderão ser utilizados em estudos para a área de linguística e/ou de história. A etapa de revisão também tem sua importância no processo de documentação e portanto exige o máximo de atenção do revisor para captar os mínimos detalhes na fala dos entrevistados e entrevistadores.

Um exemplo de como podemos observar a análise sobre a linguagem dentro da história oral é este trecho da entrevista com a artista Silvia da Costa, que é representada pelas abreviações **S.C.** e a entrevistadora Lilian Gassen, **L.G.**:

**S.C.:** E aí você vai... entende... então eu acho assim... eu acho que... e como eu não tinha obrigação de compartimentalizar e eu tinha essa liberdade de... de entender os artistas, como cada um deles era, né?

**L.G.:** Uhum...

**S.C.:** Eles não pintaram para fazer parte do... de tal período, de tal movimento, de tal...

**L.G.:** Uhum...

**S.C.:** né? acho que o artista cria por...

**L.G.:** Uhum...

**S.C.:** aquilo que... e depois os outros que se deem o trabalho de fazer arrumação né? De acomodar.

 Nesse trecho podemos observar aspectos da linguagem tanto da entrevistadora quanto da entrevistada, tais como as repetições de fala da entrevistadora, em que ela diz “Uhum” repetidas vezes, demonstrando que está concordando com o que a entrevistada narra, no sentido de estar entendo o que ela diz. Outro exemplo é o vício de fala de Silvia com a utilização da expressão “né?”, quando na verdade o modo gramatical seria “não é?”, que também tem um sentido de buscar a concordância da audiência ao final de cada afirmação no depoimento. E, ainda, esse vício de fala não pode ser entendido como pessoal, pois ele é amplamente utilizado, pelo menos, na região sul do Brasil, o que pode caracterizar um regionalismo linguístico cultural.

Além desse aspecto da linguagem, também aparecem aspectos das redes sociais acionadas no interior de cursos universitários e seus possíveis impactos no indivíduo. Pelo fragmento seguinte percebemos que na época em que a Silvia entrou como aluna na Escola de Música e Belas Artes do Paraná a troca de professores a incomodou muito, por isso foi “terrível” para ela essa transição. E, ao mesmo tempo, percebe-se que ela descreve as relações interpessoais que existiam dentro da EMBAP. Sendo assim, a partir desse trecho notamos como se davam essas relações e como o lugar formou uma rede de conexões entre as pessoas que passaram por lá. Como pode ser notado abaixo:

**S.C**.: ... e eu acompanhei, porque tinha escola de Belas Artes e eu tive que vir. E... e aí, aqui foi terrível para mim quando eu cheguei. Eu tive... eu tive os velhos se aposentando e os novos entrando,

**L.G**.: Unhun...

**S.C.**: ... e tinha tido uma certa… aa... noção de Arte bem mais contemporânea que trabalhavam aqui, então eu no começo eu queria... queria ir embora, não queria ficar aqui. Depois, de uma outra forma, eu aprendi muito com o De Bona. Tenho muito carinho por ele, mesmo! Era uma outra maneira de aprender e eu aprendi bastante com ele.

**L.G.**: Unhun...

**S.C.**: Calderari estava começando. Calderari, ele aa... era auxiliar do De Bona.

 Assim como uma outra passagem da entrevista, reforça a visão da entrevistada em relação a como a Escola funcionava. Nessa parte a entrevistadora questiona sobre as diferenças de posturas dos professores dentro da sala de aula, e a entrevistada explica o que achava das aulas e também como a EMBAP surgiu:

**L.G.:** Você sentia muita diferença entre... você falou do Viário e do De Bona, essa diferença de postura como professor. E nos demais? Em relação a Botteri por exemplo e os outros professores [palavra inaudível]

**S.C.:** Botteri era bastante interessante! E... também aprendi muito sobre… com, com ela, sobre cor... Mas, assim, essa parte teórica entende? Porque eu como professora, eu sempre procurei assim, antes de dar um... um... eu chamada de projeto, não é? Trabalho... uma proposta, uma proposta de trabalho, que eles (alunos) tinham que desenvolver o pensamento em cima daquilo... naquela... eu procurava dar uma sustentação teórica primeiro, para entender o porquê daquilo, porque que tava se fazendo aquilo. Essa maneira assim, não havia... a escola eu acho que... porque como ela foi fundada... Ela foi fundada em 48, você deve saber. Eu, aliás, perguntei para você? Você leciona?

**L.G.**: Escultura.

**S.C.**: Escultura...

**L.G.**: Ahan...

**S.C.**: Então, eles trouxeram, para poder ter aluno na escola, os antigos... o Nísio, o De Bona, esse pessoal, eles trouxeram os próprios alunos de ateliês particulares...

**L.G.**: Unhun...

**S.C.**: ...e trouxeram para escola, foi assim que a escola começou! E era então, como um ateliê livre... não era... depois logicamente porque... para ela... ficar regular, houve um... tiveram que ter uma grade curricular, tudo aquilo. Mas, a forma de trabalho, continua mais ou menos a mesma, era um grande ateliê livre!

**L.G.**: Unhun...

**S.C.**: ...nós não tínhamos fundamentação teórica, sabe? A gente chegava e ia desenhar!

Ao perguntar e citar sobre alguns professores, a entrevistadora desencadeia uma outra questão, que, mesmo não tendo tanta relação com a pergunta, faz a entrevistada se lembrar e começar a desenvolver um raciocínio e uma lembrança de como surgiu a Escola de Belas Artes. Nesse ponto percebemos aquilo que Ricardo Santhiago diz: “O ofício do historiador oral, os percursos pessoais que conduzem ao trabalho de campo, as dificuldades cotidianas e o cruzamento de vocações e aptidões são, portanto, alguns dos motes centrais que perpassam os depoimentos'' (SANTHIAGO, 2009, p. 219-220).

Isto é, a própria vida da entrevistadora nesse caso acaba influenciando e se conectando com a história da entrevistada, que a partir de uma simples pergunta começou a relatar informações que contribuem para a construção da história da EMBAP. Por isso não podemos dissociar a vida do entrevistado de todo o contexto em que ele está inserido, isso “é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 189-190).”

Nos dois fragmentos acima da entrevista notamos que, desde o modo como a entrevistada se expressa, suas gírias, repetições, vícios de fala, até as análises que ela mesma realiza sobre si mesma e seu contexto são "documentos de época”. Portanto, o trabalho metodológico de revisão de transcrições não pode, de modo algum, apagar esses “documentos”. Ao contrário, essa “(...) metodologia se caracteriza como um processo, que não apenas se concentra em perceber as maneiras pelas quais as pessoas vivem ou viveram, mas, sobretudo, perceber como elas mesmas desenvolvem, narram e rememoram sua vida.”(DAVET et al, 2018, p. 2)

**O PROCESSO DE CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE E A UTILIZAÇÃO DE NOVAS FERRAMENTAS**

 Nosso trabalho de revisão das transcrições das entrevistas de Carina Weidle e Silvia da Costa foi muito facilitado pois as transcrições já estavam em etapas avançadas, com uma revisão geral e com poucos erros, como anteriormente mencionado. Logo, só faltavam as etapas finais: uma correção geral e a inserção de notas de rodapé explicativas com pesquisa prévia. Para elas, utilizamos recursos de tecnologia atuais. Na História Oral tais recursos se transformam muito ao longo do tempo:

A era digital tem requisitado reflexões teóricas e metodológicas sobre a prática da História Oral de modo que o uso das tecnologias informáticas, de comunicação e informação potencializam a produção, divulgação e propagação do conhecimento, fomentando a interação e comunicação entre as pessoas (DAVET, 2018, p.8).

A partir das escutas reiteradas identificamos a maneira de se expressar das entrevistadas, aliando a leitura das transcrições em que identificamos ausências e erros de digitação. Para elas, utilizamos dois recursos tecnológicos atuais, um deles oriundo da empresa Google, o site Google Docs, e o outro de *softwares* - como os programas *VLC Media Player.* Após isso, com a ajuda do site Google Docs nós utilizamos atalhos existentes para nos auxiliar durante o processo de revisão, que será descrito ao decorrer desta seção. E também, buscamos outros sites que são especializados em transcrições, que se configuram como alternativas para se realizar esse processo com as tecnologias atuais, sites como: *Transkriptor, oTranscribe e happyscribe*.

 Além disso, com o auxílio dessa ferramenta, realizamos aquilo que Alberti (2004) definiu como as duas etapas de revisão após a transcrição de entrevistas, ou seja, a conferência de fidelidade e o copidesque. As duas exigem um tempo de escuta e pausas para correções. Explica a autora:

A conferência deve ser realizada escutando-se o depoimento e ao mesmo tempo lendo-se sua transcrição, corrigindo erros, omissões e acréscimos indevidos feitos pelo transcritor, bem como efetuando algumas alterações que visam a adequar o depoimento à sua forma escrita e viabilizar sua consulta. Isso implica constantes pausas, retrocessos e interrupções na escuta da gravação. É por isso que o tempo de realização dessa etapa ultrapassa em muito o tempo de duração da gravação; estimamos uma média de cinco horas de trabalho de conferência de fidelidade para uma hora de gravação (ALBERTI, 2004, p. 293-294).

 Sendo assim, ALBERTI diz que a revisão implica em um tempo maior do que o próprio tempo de gravação da entrevista, pois exige constantes pausas, retrocessos e interrupções na escuta para a verificação de cada palavra transcrita e para a conferência do sentido geral dado pelo entrevistado para cada trecho do depoimento. Em outra parte de seu manual, a autora descreve a metodologia para a realização do Copidesque:

Não se trata de aprimorar a forma de enunciar as ideias para alcançar uma linguagem elaborada. Ao contrário: porque o documento de história oral guarda uma especificidade que o distingue de outras fontes, convém preservar as características da linguagem falada. Assim, os critérios de "elegância" de um texto escrito não são empregados no tratamento da entrevista: na linguagem falada permitem-se repetições de palavras, frases inconclusas, expressões informais etc., que, no texto escrito, são evitadas. O copidesque, mantém, na entrevista transcrita, as informações de que o pesquisador necessita para fazer sua análise daquela fonte produzida: mantém a ordem de perguntas e respostas (fundamental para a análise do documento, uma vez que a resposta do entrevistado depende da forma pela qual lhe foi feita a pergunta), mantém as categorias utilizadas pelo entrevistado na construção de seu discurso e mantém as indicações sobre como transcorreu aquela relação particular (ALBERTI, 2004, p. 330).

 Notamos então o grande esforço e trabalho que as revisões exigem. Por isso, em nosso trabalho de revisão, buscamos ferramentas para nos auxiliar no processo de revisão, não só no processo de correções no texto, mas também na manutenção do sentido dado pelo fluxo da fala do entrevistado, a partir do que ouvimos nos áudios das entrevistas.

 Na descrição de Alberti (2004), as revisões das transcrições são realizadas por meio de um computador que tenha um *software* de edição de texto e com um equipamento de áudio, como fones de ouvido ou caixas de som (2004, p. 283). No entanto, com o avanço da tecnologia, algumas ferramentas foram surgindo e facilitando ainda mais o trabalho de revisão de textos. Um exemplo prático disso é o já mencionado *Google* Documentos, que na verdade é um site da *Google* e pode ser acessado em qualquer navegador de internet. Esse programa foi utilizado por nós no processo de revisão das transcrições, dentre as ferramentas que ele oferece, as mais utilizadas nesse processo foram: as correções ortográficas automáticas; o compartilhamento de documentos; comentários que ficam sobrepostos no documento e a busca de palavras.

 As correções ortográficas automáticas são feitas de forma fácil e intuitiva, de modo que as palavras que estão erradas ficam sublinhadas por uma linha vermelha, que se destaca e chama a atenção facilmente, assim como na imagem 1 e 2[[10]](#footnote-9). Ao clicar na palavra que está errada, logo surge um balão onde é possível “clicar” e corrigir a palavra. Ou seja, com apenas dois *clicks* corrigimos a palavra, evitando mais pausas e interrupções no processo de revisão.

|  |  |
| --- | --- |
| Imagem 1. Erro de transcrição identificado. Correção ortográfica automática produzida pelo site Google Docs. | Imagem 2. Erro de transcrição identificado. Correção ortográfica automática produzida pelo site Google Docs. |

 Outras opções desse site que contribuíram muito no processo, foram as ferramentas “Localizar no documento” e “Adicionar comentários”, que não exigem o processo de escuta dos áudios das entrevistas, visto que a etapa de revisar erros ortográficos e desmembrar palavras, só necessitam ser corrigidas. Ou seja, “ao invés de ‘né?’, usar ‘não é?’; ao invés de ‘pra’, usar ‘para’ ou ‘para a’; ao invés de ‘tá’, usar ‘está’, e de ‘tô’, usar ‘estou’ e assim por diante” (ALBERTI, 2004, p. 287).

 Uma outra ferramenta que o Google Docs possui, é a ferramenta de “digitação por voz”, pois não é literalmente uma ferramenta de transcrição, então para fazer uma, teria que ser feito um processo de alteração de dispositivos de áudio, que seria um processo um pouco mais complexo do que se fosse feito por outros sites que já são especializados em transcrições. Sites como *Transkriptor, oTranscribe e happyscribe.* Os aspectos negativos desses sites são que eles são estrangeiros, então funcionam melhor com áudios que são da língua nativa do lugar de criação do site. E um aspecto positivo desses sites, é que neles, também é possível revisar a transcrição, e também são mais organizados, colocando automaticamente as marcações de tempo de cada parágrafo de fala, facilitando ainda mais o trabalho de conferência.

 Outro *software* que utilizamos foi o *VLC media player*; que é um reprodutor multimídia e nos auxiliou no processo de escuta junto à revisão. Tendo em vista que os entrevistados apresentam jeitos diferentes de fala, a dificuldade de ouvir o áudio com mais precisão pode aumentar conforme o entrevistado fala mais rápido, ou agudo, ou mais grave, ou em um volume mais baixo. Além, é claro, dos problemas de interferência de ruídos externos e ecos. Tudo isso influencia na tarefa de revisar as transcrições, por isso a utilização de ferramentas para controlar o áudio nos auxilia a termos mais precisão e eficácia em nossas revisões.

 Uma função utilizada no processo foi a de reproduzir mais lentamente o áudio, assim como na imagem abaixo.

|  |
| --- |
| Imagem 3. Exemplo de como deixar a reprodução do áudio mais lenta por meio do *software VLC Media Player.* |

 Essa função de ouvir o áudio mais lento foi muito útil ao revisar a transcrição da artista Silvia da Costa, pois ela tinha uma velocidade de fala muito rápida, além de que a gravação do áudio estava muito ruim. E portanto, diminuindo a velocidade de reprodução, facilitou ainda mais o processo de revisão das transcrições.

 Portanto, utilizando dessas ferramentas para realizar as revisões das transcrições, percebemos como esse processo influencia toda a equipe de pesquisa, de modo que se descobre novas questões a serem analisadas.

Ao se examinar e interpretar os dados repetidas vezes o pesquisador descobre novas interrogantes, novos caminhos a serem trilhados. Não é só ver os fatos e gestos da prática filmada, mas sublinhar a imagem, analisar com o cenário, com o ambiente de pesquisa e com o referencial teórico (BELEI *et al*, 2008, p. 193).

Percebemos também, que com o avanço da tecnologia, o processo de passar as entrevistas para a forma escrita também está dando um passo à frente, com os sites e programas que transcrevem automaticamente as entrevistas, vemos um grande contraste com o início da história das transcrições. Onde se exigiam equipes de transcrição totalmente manuais. Hoje as transcrições podem ser feitas com um tempo bem mais curto do que se exigia e com uma equipe menor. Contudo, as etapas de revisão das transcrições continuam exigindo grande atenção, pois é nelas que se garante a fidelidade do documento oral como uma fonte tão rica para diferentes áreas de pesquisa. E é por isso que, além da utilização dessas ferramentas, vemos as tecnologias a favor da história oral, contribuindo ainda mais para todo esse processo metodológico.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

 A partir da década de 1950 com o início das discussões em torno da história social/cultural e da manifestação da história oral nos anos 1970, surgem questões sobre as metodologias e os tipos de análise a serem realizadas. E a relação entre a história cultural e a história oral fica cada vez mais clara, principalmente com a ideia da história popular que surgiu com os marxistas e depois com a Escola dos *Annales*, e a partir disso se pôde perceber a relação com a análise da linguagem nos métodos de documentação que são utilizadas na história oral, assim como Hunt comenta, “todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo" (1992, p.25). Portanto, essas duas histórias passam a andar de mãos dadas no final do século XX, em grande medida por que, como Hunt fala em seu texto: “... quanto mais culturais se tornarem os estudos históricos, e quanto mais históricos se tornarem os estudos culturais, tanto melhor para ambos” (1992, p.29)

 E analisando a evolução da história oral, fomos encontrando ferramentas que nos auxiliaram durante esse processo de revisão das transcrições do Programa de História Oral da EMBAP. Programas como o *VLC Media Player* e o site Google Docs, que facilitaram o trabalho de conferência por meio de correções automáticas, busca de palavras no texto, compartilhamento de documentos, reprodução lenta do áudio, etc. Portanto, é perceptível que hoje o modo de se fazer história oral já não é mais o mesmo que o de 20 anos atrás.

 Logo, além de potencializar a produção e divulgação do conhecimento, podemos analisar as melhores formas de realizá-lo com o auxílio das novas tecnologias. Sendo assim, do mesmo modo que devemos ser críticos com relação aos documentos, também devemos questionar como a tecnologia influencia no trabalho de documentação das histórias orais. Uma dessas questões podemos ver dentro da própria tecnologia, como e onde ela foi criada? E como isso influencia o modo que ela realiza o processo de transcrição de entrevistas? Além disso, será que ainda precisamos de pessoas para realizar essas etapas de transcrições e revisões?

É interessante como no começo da história oral, uma época em que as tecnologias estavam sendo desenvolvidas ainda, as transcrições e todas outras etapas eram feitas por equipes formadas por várias pessoas, e que hoje, em uma análise bem superficial, uma única pessoa consegue desenvolver um projeto de história oral apenas com um smartphone. Contudo, a presença de um ser humano para realizar todo esse processo ainda é necessário, mas podemos realizar o exercício de questionar quando chegará o momento em que as pessoas não serão mais necessárias nesse processo metodológico, ou melhor, será que esse momento um dia irá chegar?

Portanto, questões como essas vão sempre surgir conforme a tecnologia evolui, mas o que devemos pensar sobre isso é que ainda sim precisamos de seres humanos para realizar as etapas de conferência, por mais que a tecnologia esteja muito avançada, ela ainda não entende as subjetividades de cada indivíduo. A diferença nisso, é que realizamos as transcrições e revisões mergulhando na fala dos entrevistados, buscando entender o por quê e o como eles falaram tal coisa, com determinados gestos, vícios de fala, sotaques e os regionalismos. Por isso, a presença de uma pessoa nos processos de história oral ainda é importante, ainda é indispensável, mesmo com tal avanço tecnológico.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABHO - Associação Brasileira de História Oral. **Apresentação**. Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID\_CONTEUDO=24. Acesso em: 10 junho 2022.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BELEI, Renata Aparecida; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina; NASCIMENTO, Edinalva Neves; MATSUMOTO, Patrícia Helena Vivian Ribeiro. **O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa**. Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [30]: 187 - 199, janeiro/junho, 2008.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

COSTA, Silvia. **Transcrição de entrevistas filmadas**. [entrevista concedida à] Lilian Hollanda Gassen. Curitiba, 05 de novembro de 2015.

DAVET, Eloyse Caroline; FILHO, Roberto Montes; SOSSAI, Fernando Cesar; SOUZA, Bruna Carolina de. **Experiências com tecnologias digitais no Laboratório de História Oral da Univille**. Anais do XVII Encontro Estadual de História da ANPUH-SC, Santa Catarina, 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro, 2002.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1992.

REZENDE, Eliana. **História Oral: o que é? para que serve? como se faz?** ER Consultoria, 2017. Disponível em: https://eliana-rezende.com.br/historia-oral-o-que-e-para-que-serve-como-se-faz/. Acesso em: 29 maio 2022.

RODRIGUES, Giselle. **Teorias da História**. UniCesumar, Maringá, 2018.

SANTHIAGO, Ricardo. **O ofício do historiador oral: a visão italiana**. Revista ESBOÇOS, v. 16, Nº 21, p. 219-222, UFSC, 2009.

WEIDLE, Carina. **Transcrição de entrevistas filmadas**. [entrevista concedida à] Lilian Hollanda Gassen. Curitiba, 15 de novembro de 2015.

1. A história cultural combina as abordagens da [antropologia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Antropologia) e da [história](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria) para olhar para as tradições da [cultura popular](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_popular) e interpretações [culturais](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura) da experiência histórica e humana, assim como Peter BURKE diz “dedica-se às diferenças, aos debates e conflitos, mas também aos interesses e tradições compartilhados (2005, p. 7)”. [↑](#footnote-ref-0)
2. Refere-se à pesquisa docente na qual são realizadas as entrevistas de que esse estudo de IC se debruça. O Programa de História Oral da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Campus I da UNESPAR, tem como finalidade principal a implementação de um acervo digital de história oral, ARQVART, mediante produção de entrevistas filmadas sobre a história de vida de indivíduos ligados ao meio artístico de Curitiba. Ele teve início em 2015 e mantém atividade até os dias atuais. [↑](#footnote-ref-1)
3. Carina Maria Weidle, nascida em 1966, em Novo Hamburgo-RS, artista plástica na área de escultura e instalação, professora na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Campus I da UNESPAR, Doutora pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e realizou estágio doutoral na Bath Spa University - Inglaterra na área de cerâmica. [↑](#footnote-ref-2)
4. Silvia da Costa, nascida em Sertanópolis, artista visual na área de pintura, ex-professora da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. [↑](#footnote-ref-3)
5. Nossa metodologia é baseada no *Manual de história oral,* de Verena Alberti (2004), que orienta a implantação de Programas de História Oral, desde a formação da equipe de trabalho, passando pela caracterização técnica e ética da realização e revisão de entrevistas, como fontes de história, até o tratamento do acervo de entrevistas. [↑](#footnote-ref-4)
6. Fernand Braudel, um historiador francês e um dos mais importantes representantes da chamada "escola dos Annales". [↑](#footnote-ref-5)
7. Felipe Bernardo Ferreira e Ana Beatriz Storino. [↑](#footnote-ref-6)
8. As transcrições já estavam em etapas de revisão mais avançadas, foram feitas já as correções de falhas de transcrição, marcações para realizar pesquisas de nota de rodapé, e a transcrição estava completa, faltando somente 2 etapas de revisão para a finalização. [↑](#footnote-ref-7)
9. Problemas como: Problema técnico/mau funcionamento do notebook utilizado para realizar as revisões e a contaminação pelo COVID-19 (Coronavírus). Sendo assim, não somente os prazos e o cronograma foram afetados, mas também a continuidade do trabalho de revisão. [↑](#footnote-ref-8)
10. Capturas de tela do texto da transcrição da entrevista com a artista Carina Weidle. [↑](#footnote-ref-9)